



**PUC  
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE FONOAUDIOLOGIA

**PERCEÇÃO DOS ALUNOS (AS) DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE  
OS SINAIS E SINTOMAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO**

GOIÂNIA  
2023

LAURA BEATRIZ OLIVEIRA ROCHA

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS (AS) DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE OS  
SINAIS E SINTOMAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Fonoaudiologia, da Escola  
de Ciências Sociais e da Saúde, da Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial  
à obtenção do título Bacharel em Fonoaudiologia.  
Orientadora: Professora Mestra Eliane Faleiro de  
Freitas.

GOIÂNIA  
2023



**PUC  
GOIÁS**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE FONOAUDIOLOGIA**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 04 dias do mês de dezembro de 2023, às 18:00 horas, em sessão pública na sala da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mestre ELIANE FALEIRO DE FREITAS e composta pelos examinadores:

1. Professora Mestre MARCELLA HAICK MALLARD,
2. Professor Doutorando MARCOS HENRIQUE BORGES,

a aluna LAURA BEATRIZ OLIVEIRA ROCHA apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PERCEPÇÃO DOS ALUNOS (AS) DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE OS SINAIS E SINTOMAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO, como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

Presidente da Banca Examinadora

Examinador 01

Examinador 02

Aluna

# PERCEPÇÃO DOS ALUNOS (AS) DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA SOBRE OS SINAIS E SINTOMAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Laura Beatriz Oliveira Rocha<sup>1</sup>  
Eliane Faleiro de Freitas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

<sup>2</sup>Fonoaudióloga, Musicoterapeuta; Mestra em Música (UFG), Docente do Curso de Fonoaudiologia (PUC Goiás).

## RESUMO

**Objetivo:** investigar a percepção dos alunos (as) do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás sobre os sinais e sintomas do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos estudantes de Fonoaudiologia sobre os sinais e sintomas do TEA. **Discussão e Resultados:** Foram colhidas 17 entrevistas com acadêmicos do primeiro ao oitavo período, nas quais apresentaram diversas percepções sobre os sinais e sintomas do TEA tais como: dificuldades de interação social e habilidades comunicativas, falta de contato visual, estereotípias, atraso de fala dentre outros. **Conclusão:** a grande maioria dos alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás tem uma noção do que é o TEA, porém não sabem relacionar os sinais e sintomas ao contexto em que eles se manifestam.

Palavra-chave: TEA, Fonoaudiologia; sintomas.

## ABSTRACT

**Objective:** to investigate the perception of students on the Speech Therapy course at PUC Goiás about the signs and symptoms of Autism Spectrum Disorder (ASD). **Methodology:** This is a cross-sectional qualitative study that aims to analyze the perception of Speech Therapy students about the signs and symptoms of ASD. **Discussion and Results:** 17 interviews were collected with academics from the first to the eighth period, in which they presented different perceptions about the signs and symptoms of ASD such as: difficulties in social interaction and communicative skills, lack of eye contact, stereotypies, speech delay between others. **Conclusion:** most students on the Speech Therapy course at PUC Goiás have an idea of what ASD is, but they do not know how to relate the signs and symptoms to the context in which they appear.

Keyword: ASD, Speech Therapy; symptoms

## INTRODUÇÃO

A pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresenta dificuldades na interação social e na comunicação e movimentos repetitivos estereotipados (POSAR; VISCONTI, 2017). Destaca-se que um dos aspectos comprometidos é a linguagem, seja a linguagem verbal e/ou não verbal, podendo ainda haver ausência total da comunicação. No TEA pode haver manifestações denominadas de ecolalia, que é considerado como o uso de repetição das palavras (VARGAS 2014). Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008) relatam que Kanner (1943) considerou, em seus estudos, que o transtorno deixou de ser um comportamento de isolamento e foi definido como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo com características comportamentais, habilidades cognitivas preservadas e padrões de comportamentos repetitivos frequentes.

Vargas et al (2014), ao fazerem uma revisão no Código Internacional de Doenças (CID) na sua nona edição, verificaram que o TEA era considerado uma doença associada à esquizofrenia em meados da década de 70. Nesse período o diagnóstico se baseava na manifestação de seus sintomas até os 30 primeiros meses de vida, cujas características eram, principalmente, atraso de fala, linguagem restrita e ocorrência de palavras repetitivas durante o discurso. Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008) verificaram que o CID-10 já apresentava um único grupo enquadrado nos Transtornos Globais do Desenvolvimento, cujas manifestações se caracterizavam por alterações na linguagem verbal, atraso de fala e uma tendência a compreender as situações de uma forma concreta e literal. Essas autoras também constataram que o CID-11 passou a considerar o TEA como uma entidade exclusiva e caracterizado de acordo com a gravidade das manifestações clínicas, sugerindo o termo Espectro no qual denota variações e níveis de gravidade, sendo que as subdivisões passaram a ser apenas relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual. (ANGELIS et al, 2023).

Steffen et al (2020) relatam, em seus estudos, que no Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-V) o TEA é considerado como um Transtorno do Desenvolvimento que pode apresentar manifestações clínicas ainda nos seus primeiros anos de idade e cujas características são dificuldades na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e dificuldades na comunicação.

É possível observar que ainda não há uma causa definida para a ocorrência do TEA (COSTA et al, 2022). Entretanto, muitos autores consideram ser uma etiologia multifatorial que vai interferir na comunicação, na socialização e na ocorrência de movimentos repetitivos e estereotipados (TEIXEIRA, 2020).

Autores referem, ainda, sobre importância de se fazer o diagnóstico diferencial, uma vez que outras patologias podem estar relacionadas ao TEA, e alertam para a necessidade de se ter uma categorização e uma visão crítica sobre essas categorias que podem se manifestar no TEA em forma de comorbidades. No entanto há outros níveis de diagnóstico, pois sinais e sintomas não dá o ponto final, não é determinante. (ROCHA et al, 2019). Pode-se considerar que este fato pode ser sustentado, por exemplo, pelo estudo de Souza (2021) no qual demonstrou que os sintomas das crianças com o Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) estão relacionados à algumas características do TEA, tais como atrasos na aquisição de linguagem,

dificuldades na compreensão e dificuldades de interação social.

Tôrres (2020) também relata que um dos sintomas recorrentes e observados nos primeiros anos de crianças que obtiveram o diagnóstico de TEA é a dificuldade de estabelecer comunicação. Diante desse fato, a autora afirma ser prudente realizar uma avaliação audiológica (PEATE e Emissões Otoacústicas) antes de se estabelecer o diagnóstico de TEA uma vez que, por meio desses exames, é verificado se a criança possui uma perda auditiva ou se as dificuldades de comunicação estão relacionadas a um risco no desenvolvimento, dentre eles o TEA.

Souza e Payão (2008) e Kaliffe (2019) relataram que Apraxia de Fala na Infância (AAFI) é um transtorno motor de fala que afeta a habilidade para fazer a sequência dos movimentos necessários para a produção dos sons da fala. Porém, as autoras ressaltam que tal inabilidade pode ser confundida com o TEA, uma vez que a pessoa nesta condição também pode apresentar dificuldades nos movimentos necessários para a produção da fala.

Diante do exposto observa-se que a pessoa com TEA poderá apresentar comprometimentos na fala, no desenvolvimento da linguagem e comunicação social. O fonoaudiólogo é o profissional habilitado para atuar nos distúrbios da comunicação e participa de equipes multidisciplinares que são responsáveis pelo tratamento do autismo e pode atuar desde o diagnóstico até a condução do processo terapêutico. Sabendo que o TEA tem sido uma realidade diagnóstica frequente atualmente e necessita de uma intervenção do profissional fonoaudiólogo, surge a pergunta norteadora: será que os estudantes do curso de Fonoaudiologia conseguem identificar sinais e sintomas do TEA? Tal questionamento se dá, também, pelo fato de que o fonoaudiólogo é um profissional imprescindível no tratamento clínico de modo a promover uma melhor qualidade de vida às pessoas que apresentam o transtorno. Considera-se que o conhecimento acerca dos aspectos que envolvem o TEA seja importante para que o acadêmico de Fonoaudiologia possa ter um desempenho clínico adequado junto a essa clientela.

Estudos de Meneses e Silva (2020) e Ronzani et al (2021) demonstraram que diversas patologias podem estar associadas ao TEA. Assim, justifica essa investigação uma vez que sinais e sintomas que são destacados como particulares ao TEA podem se manifestar em outras patologias, tais quais atraso de fala, apraxia de fala, deficiência intelectual, surdez, DEL dentre outras. Ribeiro et al (2021) em seus estudos, revela que a OMS, em 1996, considerava que a prevalência de autismo nos

EUA era de 3 a 4 casos em cada 1000 crianças. No ano 2000 essa prevalência passou a ser de 1 para cada 68 crianças e Ribeiro et al (2021) demonstraram, em seus estudos, um grande aumento nessa população. E como o fonoaudiólogo é o profissional que atua junto às pessoas que apresentam o transtorno, justifica-se, também, a necessidade de investigar se o estudante de Fonoaudiologia da PUC – Goiás está sendo habilitado para reconhecer os sinais e sintomas presentes no TEA, pois é quase certo que esse futuro profissional irá ter contato com pessoas com o transtorno se considerado o aumento significativo dessa população.

Assim, esta pesquisa terá como foco investigar a percepção do acadêmico do curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC- Goiás) com relação a percepção destes sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

O estudo teve como objetivo investigar qual a percepção dos alunos (as) do curso de Fonoaudiologia em relação aos sinais e sintomas do (TEA), bem como analisar os relatos dos estudantes acerca da temática.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho é um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos alunos (as) do curso de Fonoaudiologia sobre os sinais e sintomas do TEA. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de PUC - Goiás e aprovado sob o número CAAE: 70519123.000037.

A pesquisa foi realizada com estudantes matriculados nos oito períodos do Curso de Fonoaudiologia da PUC – Goiás e que eram assíduos às aulas. Os alunos foram convidados a participarem da pesquisa durante os intervalos das aulas e, ao aceitarem o convite, assinaram o Termo de Esclarecimentos Livre e Esclarecido (TCLE ). Em seguida foi apresentado um questionário com perguntas abertas para que fossem respondidas pelos participantes. As respostas foram registradas em gravações no smartphone da pesquisadora e transcritas posteriormente para serem analisadas. Foram colhidas dezessete respostas com alunos que cursavam do primeiro ao oitavo, sendo definido no mínimo dois alunos respondentes para cada período do curso. Foi estabelecido como critérios de inclusão para participar do estudo os (as) alunos (as) matriculados no Curso de Fonoaudiologia da PUC – Goiás e terem dezoito anos ou mais. Os demais alunos que cursavam outros cursos de graduação na universidade foram excluídos da pesquisa.

<b>Período Cursado</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
1º período	2 respostas
2º período	2 respostas
3º período	2 respostas
4º período	2 respostas
5º período	2 respostas
6º período	2 repostas
7º período	2 respostas
8º período	3 respostas
<b>Total</b>	<b>17 respostas</b>

**Quadro 1 – Quantidade de respostas por período cursado.**

Aos participantes que aceitaram participar da pesquisa foi apresentado um questionário com as seguintes perguntas: (1) Você já teve o contato com alguma pessoa com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)? (2) Consegue identificar os sinais e sintomas?

Para sustentar a análise dos dados utilizou-se referencial teórico cujos descritores que nortearam as buscas nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico foram: Transtorno do Espectro do Autismo, TEA, aquisição, linguagem, estereotipias, interação, , atrasos, cujos termos foram combinados entre si no momento em que foi feita a pesquisa.

Após a aplicação do questionário e transcrição das respostas foi feita a análise destas correlacionando-as com a literatura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Das dezessete entrevistas realizadas, apenas um dos entrevistados do oitavo período que respondeu conhecer uma pessoa com o TEA não soube dizer os sinais e sintomas desta condição.

Uma participante do primeiro período afirmou que o próprio filho tem o diagnóstico de TEA e relatou: “*o meu filho apresenta a seletividade alimentar*”. Gama et al (2020) afirmam, em seus estudos, que a seletividade alimentar no TEA é decorrente das desordens sensoriais que são extremamente sensíveis e que podem



afetar diretamente a aceitação de alimentos de diferentes texturas.

Participante do segundo período relatou que tem o contato com o TEA, pois tem um primo com o diagnóstico. Relatou que os primeiros sinais observados e chamaram a atenção da família foram o fato de a criança andar na ponta dos pés e relatou: *“Eu tenho um primo meu (...) que ele foi diagnosticado pouco tempo, ele é bebê, só que ele anda na pontinha dos pés e isso tem a ver com crianças que tem o autismo”*. Klin (2006) afirma, em seus estudos, que as pessoas com o TEA podem apresentar hipossensibilidade tátil devido às desordens sensoriais. Desta forma, pode-se incluir a alteração da sensibilidade tátil dos pés ao tocarem no chão para desenvolverem a marcha.

Outro participante do terceiro período relatou, em suas respostas, que tem o contato com pessoas com o TEA, uma vez que está fazendo estágio em uma clínica especializada. Comentou que o TEA é um *“Espectro e cada criança vai ter uma característica muito diferente. É difícil definir um sinal e um sintoma”*. Wanderley (2013) afirma que as habilidades sociais e a comunicação vão demorar a se desenvolver nestas pessoas devido à complexidade destas funções que envolvem as áreas da interação e comunicação. No entanto a autora ressalta que a pessoa com o TEA necessita vivenciar momentos interativos de forma eficiente para estimular o desenvolvimento da fala e linguagem.

Já outro aluno do terceiro período respondeu que não tem o contato com pessoas com o TEA, mas teve o conhecimento dos sinais por meio de palestras na própria universidade afirmando conhecer alguns sinais que tais pessoas possam apresentar: *“não gosta da interação social, tem essa dificuldade né? e tem alguns que organizam as coisas por cores, tamanhos”*. Wanderley (2013) considera que não seja um fato de a pessoa com TEA não gostar de interagir, mas, sim, por dificuldades em manifestar uma linguagem pouco funcional.

Um participante quarto período relatou que já teve contato com pessoas com TEA e afirmou que os sinais são: *“Sensibilidade auditiva, andar na ponta dos pés eee(...) estereotipias, atraso de fala ee (...) rigidez comportamental, dificuldades sociais”*. Klin (2006) relata que pessoas com o TEA podem apresentar tanto a hipersensibilidade quanto a hipossensibilidade aos estímulos sensoriais, ou seja, são extremamente sensíveis aos estímulos sonoros.

Ao aplicar o questionário com um aluno do quarto período, este relatou que não tem contato com pessoas com TEA, mas afirmou que um dos sinais são *“Rigidez*

*comportamental e dificuldades sociais*". Apesar de não ter exemplificado que a rigidez comportamental possa ocorrer devido às dificuldades de interação e estabelecimento de comunicação como referido acima, parece que ficou caracterizado como uma informação que foi apropriada em função de um contexto educativo e cultural no qual se encontra, por ser uma característica que é muito veiculada socialmente. Entretanto, Klin (2006) afirma que essa rigidez comportamental e essa dificuldade social esteja relacionada à hipersensibilidade de estímulos.

Um outro aluno do quarto período relatou que não conhece pessoas com o TEA, mas apresentou algumas características: "*sinais de agressividade no barulho também fica bem irritado*". Ao trazer esse relato parece que o estudante ainda não considera que talvez os sinais de agressividade possam ser decorrentes às dificuldades na interação social. Estudos indicam que esses sinais de agressividade podem ser decorrentes a falta de compreensão ou a dificuldade de se comunicar, tal como assegura Klin (2006). O autor ainda afirma que esses indivíduos tendem a se afastar dos ambientes sociais devido ao fato de não compreenderem as metáforas presentes em um diálogo, ou seja, dificuldades para lidar com sentidos não literais.

Participante do quinto período afirmou que tem contato com o TEA uma vez que o próprio irmão tem o diagnóstico, destacando os sinais presentes nele: "*não mantinha contato visual, não respondia nome, não dava função correta aos brinquedos, tinha muita dificuldade de interação social. Só que há 10 anos atrás não era igual hoje*". Mas talvez a participante esteja comparando com o autismo clássico descrito por Kanner. Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008) relatam que Kanner (1943) considerou, em seus estudos, que o transtorno deixou de ser um comportamento de isolamento e foi definido como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, cujas características eram dificuldades de interação social e comunicação.

O outro participante do quinto período relatou que sua melhor amiga teve o diagnóstico recentemente e destacou os sinais que ela apresenta: "*Ela tem muito problema com a habilidade comunicativa, ela não gosta de olho no olho e não é fã de toque, principalmente quem ela não conhece*". Baptistello et al (2023) afirmam que as dificuldades nas habilidades comunicativas e nas interações sociais são comuns em vários outros transtornos do neurodesenvolvimento e não exclusivamente do TEA. Entretanto, acredita-se que muito do que é considerado como sinal e sintoma do TEA possam ser confundidos, por exemplo, como características de personalidade.

Um aluno do sexto período relatou que o primo apresenta o diagnóstico de TEA, e destacou os seguintes sinais: “*Sensibilidade auditiva, andar na ponta dos pés eee(...) estereotipias, atraso de fala ee(...) rigidez comportamental, dificuldades sociais*”. Klinger e Souza (2014) afirmam que as dificuldades sociais e a rigidez comportamental podem estar relacionadas às limitações da linguagem que esse indivíduo possa apresentar, ou seja, apresentam dificuldades para estabelecer diálogo com o outro.

Participante do sétimo período relatou que está no estágio curricular obrigatório de linguagem e atende criança com diagnóstico de TEA. Destacou que as características de seu paciente é apresentar a comunicação não verbal e as dificuldades das habilidades comunicativas: “*às vezes a criança é não verbal(...) não tem as habilidades comunicativas (...) olho no olho (...) falar oi, tchau e às vezes a criança é um pouco nervosa(...) Acho que é mais pelo comportamento dela em questões do barulho(...) questões do ambiente que ela não conhece talvez(...) é algo novo pra ela*”. Klinger e Souza (2014) afirmam que as dificuldades de interação social e as habilidades comunicativas geralmente estão relacionadas às limitações da linguagem desse indivíduo com TEA, ou seja, trata-se de um obstáculo no estabelecimento do diálogo com o outro.

Outro entrevistado do oitavo período relatou ter um filho com o diagnóstico de TEA e relatou que “*antes ele já era observado por uma pediatra e ela já acompanhava o desenvolvimento e tinha notado os atrasos, atrasos na fala, atrasos de linguagem*”. Baptistello et al (2023) afirmam que os atrasos de fala ou o não desenvolvimento da fala é comum em vários outros transtornos do neurodesenvolvimento e fazem ênfase para que o desenvolvimento da fala aconteça na faixa etária esperada, ou seja, a criança necessita estar inserida em ambientes ricos em interações que irão estimular o desenvolvimento da linguagem desde o nascimento. Sendo assim, é imprescindível que o fonoaudiólogo tenha conhecimentos robustos com relação ao processo de aquisição de linguagem e fala para ser preciso no diagnóstico ao avaliar uma pessoa que apresenta tais comprometimentos.

Participante do oitavo período relatou que fez estágios em clínicas com crianças com TEA e destacou os seguintes sinais: “*por exemplo, na criança pode ser uma dificuldade de interação social e...e... falta de contato visual, pode ter atrasos na linguagem*”. Baptistello et al (2023) destacam ser importante entender qual é o contexto no qual ocorreu a falta de contato visual numa tentativa de delimitar se

ocorreu em função da pessoa com diagnóstico ou se o outro está convocando para o diálogo.

De acordo com os dados analisados por meio das respostas dos participantes foi possível observar que o conhecimento dos alunos sobre TEA centralizam nos seguintes aspectos: dificuldades de interação social e habilidades comunicativas, falta de contato visual, seletividade alimentar, estereotípias, andar na ponta dos pés, organização dos objetos por cores e tamanhos, atraso de fala, sensibilidade auditiva, rigidez comportamental, agressividade, brincar não funcional, não responde quando chamado pelo nome, falta de contato visual, ausência da comunicação verbal e atrasos na linguagem.

Foi possível, também, verificar que alguns alunos estão relacionando atrasos de linguagem e fala com o TEA. Contudo, acredita-se que a pesquisa agregou conhecimentos para os acadêmicos sobre os sinais e sintomas presentes no TEA, pois foi fornecido material impresso contendo informações básicas acerca dos sinais e sintomas do TEA.

Considera-se que futuras pesquisas, seja com estudante ou profissional da Fonoaudiologia, poderão relacionar a percepção destes com relação às manifestações dos comportamentos característicos do TEA aos fatores de personalidade da pessoa, bem como considerar o contexto no qual tais sinais ocorrem.

## **Conclusão**

A pesquisa foi feita com os alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC – Goiás com o objetivo de encontrar o conhecimento dos acadêmicos sobre a percepção dos alunos (as) do curso de Fonoaudiologia sobre os sinais e sintomas do Transtorno do Espectro do Autismo. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas para que pudessem responder de acordo com o conhecimento que tinham acerca da temática.

A maior parte das entrevistas colhidas trouxeram respostas que centralizam nos seguintes aspectos: dificuldades de interação social, seletividade alimentar, estereotípias, andar na ponta dos pés, organização dos objetos por cores e tamanhos, atraso de fala, sensibilidade auditiva, rigidez comportamental, agressividade, brincar não funcional, não responde quando chamado pelo nome, dificuldades na habilidades comunicativas, falta de contato visual, ausência da comunicação verbal e atrasos na linguagem. Assim sendo, pode-se considerar os alunos apresentam percepção sobre

a temática de acordo com o que é veiculado no meio acadêmico, sem terem uma vivência mais efetiva.

Acredita-se que o estudo poderá contribuir com futuras pesquisas e investigações na área da Fonoaudiologia para que se considere o TEA como tema importante a ser evidenciado no currículo dos cursos de Fonoaudiologia, uma vez que o TEA é uma condição muito presente no cotidiano clínico fonoaudiológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELIS, Luciana Oliveira de; TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro Veloz. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): caracterização, diagnóstico e intervenção. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 109-124, 28 fev. 2023.

BAPTISTELLO, Guilherme de Araújo; HAAS, Camila; RABELLO, Victória Baú; FAVERO, Bernardo Penteadó; LECH, Gabriele Eckerdt; FREITAS, Carolina Carlesso; STURMER, Carolina Moronte; STEINBRUCH, André Rumi; GOMES, Luis Felipe Pilar; ROCHA, Gabriela Santos. Transtorno do espectro autista e diagnóstico diferencial do atraso de fala na infância: uma revisão da literatura. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, p. 2-7, 28 jan. 23.

COSTA, Amanda Augusto; GAMA, Brenda Queiroz; APARECIDA FERNANDES, B.; FIGUEIREDO SEVERIANO ALVES, M. L.; DE FELÍCIO BORTUCAN LENZA, N.. O impacto da pandemia no processo de ensino-aprendizado de crianças com TEA: Uma revisão integrativa. **Revista Atenas Higeia**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2022. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/280>.

GAMA, Bruna Tayná Brito; LOBO, Hélyda Hyglá Monteiro; SILVA, Andreza Kelly Trindade da; MONTENEGRO, Karina Saunders. SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):: uma revisão narrativa da literatura. **Revistaartigos.Com**, [s. l.], v. 17, n. 0, p. 1-11, 13 jun. 2020.

KALIFFE, Marcella Echer. **Desenvolvimento De Uma Interface Digital Para Auxiliar No Tratamento Fonoaudiológico De Crianças Com Apraxia De Fala Na Infância (AFI)**. 2019. 122 f. TCC (Graduação) - Curso de Fonoaudiologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Design, Santa Catarina, 2019.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 3-11, 2006. EDITORA SCIENTIFIC. <<http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500002>>.

KLINGER, Ellen Fernanda; SOUZA, Ana Paula Ramos. Estereotipia é linguagem? Sentidos na terapêutica de crianças do espectro autista. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 668-678, dez. 2014.

MENESES E SILVA, E. A. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a linguagem: a

importância de desenvolver a comunicação. **Revista Psicologia & Saberes**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 174–188, 2020. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1221>>. Acessado em 23 de março de 2023.

POSAR, Annio; VISCONTI, Paola. Anormalidades sensoriais em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, Rio de Janeiro, p. 343-349, 23 agosto 2017.

RIBEIRO, Ana Clara Pinesso; NAVE1, Carolina Rinaldi; ANTONUCCI1, Adriano Torres; BATISTELLA, Victor Andrade. Fatores etiológicos e riscos associados ao Transtorno do Espectro Autista: revisão bibliográfica. **Jornal Paranaense de Pediatria: Jornal Paranaense de Pediatria**, Londrina Paraná, v. 1, n. 22, p. 1-12, 15 jul. 2021.

RONZANI, Leticia Domingos; LIN, Jaime; NETTO, Bruna Bittencourt; , Maiara de Aguiar da; REZENDE, Victória Linden de; GONÇALVES, Cinara Ludvig. Comorbidades Psiquiátricas no Transtorno do Espectro Autista: um artigo de revisão. **Boletim do Curso de Medicina da UFSC**, Santa Catarina, v. 3, n. 7, p. 47-54, 15 dez. 2021.

ROCHA, Caroline Cunha da; GONDIM, Cristine Bessa; GOMES, Tayana Aguiar; SANTOS, Luciana Cristina Menezes Martins dos; SILVA, Ivy de Almeida Cavalcante e. Autismo associado à epilepsia: relato de caso. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Belém-Pa, v. 20, n. 20, p. 1-6, 03 fev. 2019.

STEFFEN, Bruna Freitas; PAULA, Izabela Ferreira de; MARTINS, Vanessa Morais Ferreira; LÓPEZ, Mónica Luján. DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO: UMA REVISÃO LITERÁRIA. **Revista Saúde Multidisciplinar**, Mineiros, v. 6, n. 2, p. 02-06, 10 jun. 2020.

SOUZA, Thaís Nobre Uchôa; PAYÃO, Luzia Miscow da Cruz. Apraxia da fala adquirida e desenvolvimental: semelhanças e diferenças. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia: Artigo de Revisão**, [s. l.], p. 193-201, 26 mar. 2008.

SOUZA, Liz Passos Nascimento. Diagnóstico Diferencial entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Distúrbio Específico de Linguagem (DEL). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 1465-1483, 23 ago. 2021.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 296-299, 18 set. 2008.

TÔRRES, Fernanda Xavier. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO AUDITIVA DURANTE O PROCESSO DE DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **Revista Científica Multidisciplinar Uniflu**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 226-241, 30 maio 2020.

VARGAS, Rosanita Moschini. **Envolvimento parental no contexto da educação infantil e séries iniciais de alunos com autismo**: envolvimento parental no contexto

da educação infantil e séries iniciais de alunos com autismo. 2014. 111 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria Rs, 2014. Cap. 111.

WANDERLEY, Daniele de Brito. **Aventuras psicanalíticas com crianças autistas e seus pais**. 10. ed. Salvador: Ágalma, 2013. 170 p. (Coleção de calças curtas).